

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Felipe Bastos Neves

A CONSTRUÇÃO DE UMA IRONWOMAN: A TRAJETÓRIA
ESPORTIVA DE VERÔNICA BARDINI

Porto Alegre

2009

Felipe Bastos Neves

A CONSTRUÇÃO DE UMA IRONWOMAN: A TRAJETÓRIA
ESPORTIVA DE VERÔNICA BARDINI

Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura Plena em Educação Física
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul
Escola de Educação Física

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2009

Dedico este trabalho a minha orientadora Profa. Dra. Silvana Goellner, pela ajuda e confiança, à Verônica Bardini, pela disponibilidade e a minha mãe, pelos constantes “vai fazer o teu trabalho, meu filho”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Edmundo e Miriam pelo apoio e constante incentivo ao estudo;

À minha irmã, pela inspiração e pelo exemplo;

À Fernanda, por estar sempre do meu lado nesta caminhada;

À Verônica, chefe e amiga, que esteve sempre disponível, inclusive para virar objeto de estudo.

Obrigado a todos!!!

RESUMO

Atraído pela crescente inserção da mulher no meio esportivo, seja como atleta ou como treinadora, este trabalho tem por objetivo narrar a trajetória de uma reconhecida triatleta gaúcha, Verônica Bardini, e através de seu depoimento verificar as dificuldades enfrentadas por ela neste meio. Fundamentada na abordagem teórico-metodológica da história oral, esta pesquisa privilegia como fonte primária de informação a entrevista com Verônica, que foi processada de acordo com os seguintes procedimentos metodológicos: identificação da personagem a ser entrevistada; elaboração do roteiro; realização da entrevista; processamento da entrevista (transcrição, conferência de fidelidade, pesquisa e leitura final). Esta pesquisa proporciona visibilidade a um grupo restrito de mulheres, as triatletas, focando principalmente a prova do Ironman. Compreender os fatores motivacionais para a realização desta prova por uma mulher – quando a maioria dos participantes são homens – é o que pretende este trabalho.

Palavras chave: mulher, triathlon, ironman

ABSTRACT

With the growing insertion of women into the sports environment, as an athlete or as a trainer, this research has by objective, describe the trajectory of a recognized triathlete, Verônica Bardini, and through her testimony, check the difficulties faced by her in the sport environment. Principled in theoretical and methodological approach of oral history, the research emphasis as the primary sources of information the interview with Verônica, that were processed according to the following methodology: identification of the character to be interviewed; drafting roadmaps; conducting the interview; processing of the interview (transcript, conference of loyalty and final reading). This research provides visibility to a restrict group of women, the triathletes, focusin mainly in the Ironman competition. Understand the motivational factors to consummate this competition by a woman – when the majority of the contenders are men – is a result of this research.

Key Words: Women, triathlon, Ironman

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 História da mulher no esporte.....	11
2.2 Mulher e esporte no Brasil.....	13
2.3 O triathlon e o Ironman.....	15
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
A CONSTRUÇÃO DE UMA IRONWOMAN: A TRAJETÓRIA DE VERÔNICA BARDINI.....	20
4.1 O início no esporte.....	20
4.2 A inserção no triathlon.....	22
4.3 Um novo desafio: a estréia no Ironman.....	24
CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXOS	31

INTRODUÇÃO

Há muito tempo as mulheres vêm transformando nossa sociedade, trazendo uma visão de mundo diferente, mudanças de valores, de expectativas, na política, na religião, nos negócios e também no esporte.

A mulher no esporte é um tema recorrente, está cada dia mais presente nos estudos científicos, nos programas de televisão, na mídia em geral, mas, sobretudo, nos campos, pistas, quadras e em todas as praças esportivas, seja como atleta ou como treinadora (KNIJNIK, 2003).

Apesar de estarem assumindo um papel cada vez maior no cenário esportivo mundial, as mulheres, independente de suas realizações, ainda são avaliadas por sua identidade sexual ou expressão de gênero; e não com base em sua competência e caráter, assim se sustentam ideais machistas e ultrapassados (GRIFFIN, 1999 *apud* KNIJNIK, 2003).

Enquanto os homens atletas são descritos em termos de suas façanhas, de competitividade, de sua força física e psicológica, de sua bravura por jogar, mesmo estando seriamente machucados, as mulheres atletas são descritas em termos de sua aparência física, feminilidade, comportamento não-competitivo e relacionamentos. (KOLNES, 1995, p.71 *apud* KNIJNIK, 2003)

Chamar algo de masculino ou feminino mostra que existem apreciações sobre os atributos de homens e mulheres que vão além das categorias advindas do mundo biológico e que os diferenciam. Para além das diferenças biológicas interessa perceber as diferenças culturais que cada cultura atribui a homens e mulheres designando o que é masculino e o que é feminino. A essa diferenciação se atribui a categoria analítica *gênero* que pode ser traduzida como a construção de masculinidades e feminilidades (LOURO, 2004). É por meio da generificação de atividades, normas, símbolos e atitudes dos seres humanos que se define àquilo que é masculino ou feminino em cada cultura. O desenvolvimento do conceito de gênero iniciou-se exatamente na contraposição ao fato de tornar biológica a identidade psicossocial a partir do sexo de cada pessoa. Segundo Louro (1996):

(...) gênero não pretende significar o mesmo que sexo, ou seja, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado a sua construção social como sujeito masculino ou feminino.

O atleta (assim como todos os sujeitos), independente de seu sexo, é muito influenciado pelas normas de gênero presentes na sociedade, como também o é por outros marcadores sociais como, por exemplo, étnicos, econômicos, religiosos, entre outros. Esses marcadores geram relações de poder no cenário esportivo. Relações de poder estas que apontam para desigualdades sociais, sendo que, no que diz respeito ao gênero, podemos identificar a exclusão, a marginalização e a discriminação da mulher no esporte, quase sempre justificadas pelas suas diferenças biológicas em relação aos homens.

Na necessidade de provar a inferioridade feminina no ambiente esportivo, muitos discursos acabam confrontando as forças biológicas de homens e mulheres – se antes se buscava saber se a mulher “poderia” fazer determinadas modalidades, hoje se quer saber se ela fará “como os homens”. No entanto, só haveria relevância em mensurar essas diferenças entre os sexos, se pudéssemos apagar os efeitos históricos e sociais do desenvolvimento da mulher no esporte.

A entrada da mulher no mundo esportivo ainda ocorre de forma lenta e a segregação ainda permanece (KNIJNIK, 2004) o que não significa afirmar que as mulheres não possam romper esses preconceitos e construir carreiras sólidas e reconhecidas no universo cultural do esporte.

Essa percepção aponta para o objetivo desse trabalho que é narrar, de forma sucinta, a trajetória esportiva de uma reconhecida triatleta gaúcha: Verônica Bardini que em 2009 disputou o Ironman, prova que requer grande esforço, treino e disciplina.

Meu envolvimento com o tema surge, também, pela oportunidade que estou tendo, há mais de dois anos de trabalhar junto com essa atleta, na academia e equipe de corrida que coordena.

Esta pesquisa justifica-se, portanto, pela possibilidade de analisar a participação de uma mulher em uma modalidade esportiva e uma competição na qual a grande maioria dos participantes são homens. Ao dar visibilidade à trajetória

de Verônica, pretendo propor para o profissional de Educação Física uma reflexão sobre a participação feminina no esporte, contribuindo para a compreensão do papel da mulher na atividade esportiva.

Baseado no que foi exposto apresenta-se o seguinte problema que orienta a pesquisa:

“Como se construiu a trajetória esportiva da atleta Verônica Bardini?”

A partir dessa pergunta, proponho outros questionamentos:

- Como foi dada a sua iniciação esportiva?
- Que fatores a levaram a se tornar treinadora?
- Quais os preconceitos sofridos? Quais as dificuldades enfrentadas?

Para responder a essas questões desenvolvo uma pesquisa de corte qualitativo que privilegiará a análise documental (currículo, reportagens em jornais, entre outros) e a realização de uma entrevista com a atleta. A entrevista foi realizada conforme técnica específica de história oral utilizada pelo projeto Garimpando Memórias, desenvolvida pelo Centro de Memória do Esporte (CEME) do que envolve: elaboração do roteiro das entrevistas, realização das entrevistas, transcrição, conferência de fidelidade, copidesque, catalogação da entrevista e assinatura da carta de cessão de direitos autorais ao Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

REVISÃO DE LITERATURA

Nesta revisão de literatura será fornecido o embasamento teórico para uma melhor compreensão do tema.

Desta forma, a primeira parte do trabalho trata da história da mulher e o esporte, contextualizando a participação feminina no esporte mundial. Seguindo esta linha, em seguida abordarei a história da mulher e o esporte no Brasil, e por fim, apresentarei a modalidade Triathlon, assim como sua prova mais importante, o IRONMAN.

2.1. HISTÓRIA DA MULHER NO ESPORTE

Quando pensamos na participação feminina no esporte atualmente, é preciso voltar na história, pois o papel da mulher no esporte está ligado diretamente com o seu papel social na história da humanidade.

No cenário esportivo, a mulher foi considerada como uma profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino. O esporte, tanto como lazer ou com finalidades bélicas, unificou um conjunto de adjetivos que representam o mundo masculino: força, determinação, resistência e busca de limites (RUBIO & SIMÕES, 1999).

O ciclismo foi o esporte que exerceu uma grande influência na emancipação física das mulheres inglesas e americanas. Foi importada da Inglaterra em 1870 esta atividade, e tornou-se muito popular nos Estados Unidos no início dos anos 1890. O ciclismo oferecia para as mulheres benefícios de uma recreação saudável e ativa, assim como um novo senso de liberdade da roupa restritiva, demandando um abandono dos espartilhos e a transformação de saias em calças curtas ou *bloomers* (calções de mulher, folgados e compridos até os joelhos) (MOURÃO, 2003 *apud* DI PIERRO, 2007).

Segundo o Barão de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos Modernos, as mulheres não deveriam participar, uma vez que, de acordo com o mesmo, as atividades atléticas faziam as mulheres parecerem indecentes, além disso, suas funções maternas poderiam ser afetadas.

(...) via os jogos como festivais de esportes para os homens de todo o mundo, brancos e jovens de classe alta. A antiga exclusão que os gregos faziam das mulheres em seus festivais era totalmente aceita por Coubertin, o qual via os “seus” jogos da era moderna como um meio de preparar os jovens rapazes franceses para o serviço militar, assim como para os papéis de liderança no governo e nos negócios. Tal postura colocava a participação feminina como irrelevante. (WELCH & COSTA, 1994 *apud* KNIJNIK, 2003)

As mulheres só participariam dos Jogos Olímpicos a partir de 1900 em Paris, porém com um número de participantes muitíssimo baixo e somente em modalidades consideradas belas e que não apresentavam contato físico entre as participantes, como o tênis e o golfe (RUBIO & SIMÕES, 1999).

Ao substituir os homens que estavam no *front* durante a Segunda Guerra Mundial, em suas tarefas sociais e na participação política, as mulheres acabaram provando que poderiam assumir qualquer atividade profissional. No final da Segunda Guerra, o cenário caminhava em favor da igualdade de direitos.

No esporte, a condição das mulheres não era diferente. A luta por direitos iguais entre homens e mulheres se reflete no maior evento esportivo mundial, os Jogos Olímpicos.

Com a Guerra Fria, o mundo estava dividido em dois blocos, socialista e capitalista. Ambos se utilizavam do esporte como divulgador dos ideais e das potências dos dois lados através das vitórias. As mulheres, como resultado, tornaram-se uma importante arma para os dois blocos, que promoveram condições para o desenvolvimento do esporte feminino.

O movimento feminista, na década de 1960, criticava os pressupostos de que as mulheres deveriam se dedicar exclusivamente a tarefas domésticas e à família, assim como cultivar a sua feminilidade. Este movimento ajudou a incentivar a participação feminina em atividades esportivas (ALONSO, 2003).

Na década de 1970 surge com força o movimento *fitness*, que exaltava a beleza e a juventude do corpo feminino. Força e músculos passam a ser mais aceitos.

Foi na década de 1980 que a opinião médica mudou a favor da participação feminina em provas de longa duração e resistência física. No entanto, o número de eventos que existiam para mulheres era muito pequeno e as premiações eram inferiores. As atividades não competitivas e de *fitness* eram o foco principal da iniciativa privada e de programas de governo, mesmo assim, esta década ficou marcada pela evolução feminina no esporte de alto rendimento, assumindo valores até então experimentados somente por homens (DI PIERRO, 2007).

A partir da década de 1990, começaram a ser oferecidos cada vez mais seminários e congressos para técnicas e administradoras esportivas. Foi uma forma de incentivar a evolução da mulher na área esportiva mundial, no entanto, ainda existem barreiras culturais, políticas, religiosas e econômicas que impedem que muitas mulheres adotem a prática esportiva em sua vida.

Com a diminuição da domesticidade feminina, o padrão de fragilidade passa a ceder terreno a um novo ideal que começa a ser construído nas primeiras décadas do século XX, ideal este mais adequado à idéia de “mulher ativa”.

O esporte pertence a todos, sendo parte da criação humana, e deve ser praticado por homens e mulheres para que se desenvolvam plenamente.

2.2. MULHER E ESPORTE NO BRASIL

No final do século XIX enquanto meninos cresciam praticando exercícios voltados para a força, à disciplina; as meninas faziam basicamente exercícios leves, capazes de fortalecer seu corpo visando uma boa gestação. Acreditava-se, nesta época, na “natureza” masculina e feminina, essa natureza era construída por atitudes sociais e valores culturais, reforçando assim as construções discriminatórias e preconceituosas da prática esportiva. O esporte ainda era visto como uma agressão à feminilidade.

Até o final do século XIX a mentalidade da sociedade brasileira era doente e atrasada em relação à cultura física (MOURÃO, 1999 *apud* DI PIERRO 2007). Poucas mulheres tinham acesso à prática de atividades físico-desportivas, sendo que as que realizavam tais atividades eram a elite da sociedade, vinham de famílias européias que incentivavam a prática de esportes.

Na década de 1910, algumas pioneiras praticavam o tênis, a equitação, a natação e o basquete, essas mulheres tinham o suporte da família. Já nos anos 1920 e 1930 apareceram as primeiras esportistas brasileiras. Foi na década de 20 que surgiu no cenário esportivo a nadadora Maria Lenk, primeira mulher brasileira que se destacou nos esportes. Ela foi a primeira representante do nosso país, do sexo feminino, a participar dos Jogos Olímpicos, em Los Angeles no ano de 1932. Maria Lenk foi sozinha, com 17 anos, em uma delegação com outros 67 atletas, todos homens, evidentemente. Somente ao chegar em Los Angeles, a jovem nadadora teve noção da dimensão dos Jogos Olímpicos. Maria se tornou celebridade, pois era a primeira e única atleta mulher da América Latina a participar da competição.

“Voltei de Los Angeles convicta da importância do esporte para o desenvolvimento das nações” (Maria Lenk)

A década de 1930 ficou marcada pelo início do movimento de esportivização feminina brasileira, principalmente nos grandes centros urbanos do país. Em São Paulo houve o primeiro campeonato feminino de bola ao cesto (MOURÃO, 1996 *apud* DI PIERRO 2007).

O primeiro evento esportivo exclusivamente feminino ocorreu no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XX. Os Jogos da Primavera, que consistiam em uma grande festa social e esportiva, acabaram marcando o processo de emancipação da mulher brasileira no esporte (DI PIERRO, 2007).

Nos anos 1980, quebrando tabus e demonstrando que a gravidez não era doença, a jogadora de voleibol Isabel continuou jogando profissionalmente até o seu quinto mês de gestação. Desde então, ficou evidenciado que a prática de atividade física e a maternidade podem caminhar juntas.

Os Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, apresentaram um número significativo de participantes mulheres, 94 dos 204 atletas da delegação brasileira eram do sexo feminino. Porém, isso não significava que no Brasil existisse um incentivo politicamente organizado para que as mulheres praticassem esporte ou desenvolvessem a atividade física como um valor no seu cotidiano.

As mulheres atletas ainda eram consideradas masculinizadas, tanto por seu corpo, musculoso, forte e delineado, como por apresentar características psicológicas que antes eram consideradas exclusivas dos homens, como o controle da dor, a busca de superação, a persistência e a determinação.

2.3. O TRIATHLON E O IRONMAN

Triatlo é uma palavra grega que designa um evento atlético composto por três modalidades. Atualmente, o nome triatlo é em geral aplicado a uma combinação de natação, ciclismo e corrida, nessa ordem e sem interrupção entre as modalidades. É uma prova de resistência física e mental.

Segundo a Confederação Brasileira de Triathlon (CBTri), as origens do esporte vêm de San Diego no ano de 1974. Na época, alguns treinadores de um clube de atletismo, ao dar férias para seus atletas, passaram uma planilha de treinamentos que constava principalmente de exercícios de natação e ciclismo para que os atletas descansassem um pouco dos treinos e competições de atletismo.

Ao voltarem das férias, os treinadores faziam um teste com seus atletas, para saberem se eles tinham cumprido a planilha de treinamento. Estes atletas teriam que nadar 500 metros na piscina do clube, pedalar 12 km em um condomínio fechado existente ao lado do clube e finalmente corriam 5 km na pista de atletismo. Os atletas gostaram tanto da brincadeira que pediram para os treinadores repetirem a dose nas férias seguintes. Desta vez, no entanto, foram convidados os salva-vidas de San Diego para um desafio. A brincadeira contou com 55 participantes e os atletas do clube levaram nítida vantagem.

Para as férias seguintes, 1976, os salva-vidas propuseram algumas modificações: natação no mar e com aproximadamente 700 metros, ciclismo na avenida da praia e arredores com 15 km de distância e uma corrida de *cross country*

de 4,5 km. Nesta brincadeira participaram 95 pessoas. Estas pessoas gostaram tanto da disputa que no mesmo ano repetiram por mais três vezes. Assim surgiu o triathlon que passou por várias modificações até a forma olímpica atual, idealizada em 1982 visando ser esporte de demonstração nas Olimpíadas de Los Angeles (1984), mas, por motivos políticos, teve que aguardar mais 16 anos para fazer a sua estréia nas Olimpíadas, fato ocorrido em Sydney – Austrália, no ano de 2000.

No Havaí foi dado início ao *Ironman*, uma das provas mais extenuantes do planeta e que apresentou definitivamente o triathlon para o mundo. O *Ironman* tem as distâncias de 3,8 km de natação, 180 km de ciclismo e 42 km de corrida.

A modalidade foi proposta pela primeira vez pelo comandante da marinha americana John Collins e sua esposa para encerrar uma discussão, surgida durante a cerimônia de premiação de uma prova de corrida do Havaí, sobre quais seriam os atletas mais resistentes: nadadores, corredores ou atletas de outras modalidades. Eles sugeriram combinar três provas já existentes que deveriam ser completadas sucessivamente. Eram elas: *Waikiki Rothwater Swim* que compreendia aproximadamente 3,8 km de natação, a *Around-Oahu Bike Race* que originalmente acontecia em dois dias e percorria aproximadamente 180 km de bicicleta e a Maratona de Honolulu. Collins então disse que quem terminasse a prova em primeiro lugar seria chamado o “homem de ferro”.

Depois de algum tempo de treinamento, no mês de fevereiro de 1978 foi realizado o primeiro *Ironman* do Havaí, com participação de 15 atletas, sendo um deles o próprio John Collins. A prova foi vencida por Gordon Haller. Desde então, anualmente, no mês de outubro, mais de 3.000 atletas procuram superar este desafio no Havaí.

No Brasil, desde 2001, sediamos uma prova de Ironman. O evento é realizado em Florianópolis, Santa Catarina, e vem crescendo de forma vertiginosa a cada ano que passa.

Atualmente, o evento vem alcançando o limite técnico de 1.550 atletas e, pela sua magnitude, atrai cada vez mais investimentos, prestando uma relevante contribuição ao universo do esporte no Brasil. Por ter ganhado notoriedade internacional, a prova de Florianópolis tornou-se classificatória para o Ironman do

Havaí. Na última edição, em 2009, estiveram presentes 1.550 (hum mil, quinhentos e cinqüenta) atletas, sendo apenas 85 (oitenta e cinco) mulheres.

Por sua natureza, por ser chamada de iron**MAN**, a prova ainda é vista como um evento predominantemente masculino.

No Ironman, realizado em outubro de 1982, 11% dos 850 competidores eram mulheres. Já em 1997, este número subiu para 290 atletas ou 19,6% dos 1.479 participantes. A porcentagem de atletas do sexo feminino que participa do Ironman do Havaí nos anos mais recentes não tem sido maior que 20% do total de participantes.

Mesmo com o cenário desfavorável, foi uma mulher que teve o papel fundamental de divulgação do esporte para o mundo. No Ironman de 1982, Julie Moss literalmente engatinhou até a linha de chegada (sendo ultrapassada por Kathleen McCartney nos últimos metros) devido às câimbras e ao cansaço extremo. A rede de televisão ABC mostrou a cena no “*wide world of sports*”. No ano seguinte, o número de inscrições para a prova quase dobrou.

Participar de um evento com homens fortes e bem condicionados fisicamente que, literalmente, nadam sobre você na água é intimidador. Por esse motivo a pesquisadora Sally Edwards realizou um estudo que verificou que o número de mulheres entre 40 e 44 anos que participou da *U.S Triathlon series* não passou de 11, de um universo de 1000 atletas. (CHRISTENSEN, GUTTMAN, PFISTER, 2001)

Por não serem tipicamente tão fortes e rápidas como os homens, as mulheres são vistas como atletas de segunda escala. Correspondendo a isso, as premiações e o reconhecimento são menores.

Foram esses fatores que levaram à criação da Comissão Feminina do ITU (International Triathlon Union), em 1990. O foco dessa comissão (que posteriormente tornou-se Comitê Feminino) era garantir igualdade de oportunidades, reconhecimento e recompensas para mulheres triatletas, começando por igualar o prêmio para vencedores homens e mulheres.

Considerando o objetivo desta pesquisa, que é narrar a trajetória esportiva de uma triatleta e participante do Ironman, descrevo a seguir os procedimentos metodológicos adotados para a realização do estudo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo apresenta um recorte qualitativo pois busca analisar a trajetória esportiva de uma importante atleta gaúcha. Para a captação de informações foi realizada uma entrevista com a atleta e analisados documentos como jornais, revistas e o currículo da própria atleta. Esses documentos foram colocados em diálogo com a literatura específica sobre mulher e esporte buscando maior consistência as análises empregadas.

Antes da realização da entrevista, li o currículo da atleta bem como jornais e revistas. Essa etapa foi importante para que eu tivesse maior conhecimento sobre sua carreira esportiva e, assim, pudesse elaborar o roteiro da entrevista que aconteceu dia 10 de outubro do corrente ano, na Academia Oxigênio Sports, com duração de aproximadamente uma hora.

A entrevista teve um roteiro semi-estruturado abrangendo perguntas que possibilitaram as análises dessa pesquisa, quer seja sua inserção e permanência no esporte bem como os incentivos e impedimentos que a atleta enfrentou na sua trajetória.

Posteriormente a entrevista foi processada seguindo as etapas abaixo descritas:

- a) Transcrição: é a primeira versão escrita do documento, a passagem direta da forma oral para a escrita.
- b) Conferência de fidelidade: consiste em conferir se o que está gravado foi transcrito corretamente.

Depois de cumpridas as etapas anteriores, as informações contidas na entrevista foram cuidadosamente conferidas bem como confrontadas com outras fontes de informações, tais como jornais, resultados de provas e seu currículo.

Cabe registrar que a entrevistada assinou uma Carta de Cessão de Direitos Autorais concedendo ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física a propriedade dos direitos autorais da entrevista. Esses procedimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007711, através do *Mulheres Atletas: o esporte como um espaço de visibilidade feminina* no qual esta pesquisa se insere.

A CONSTRUÇÃO DE UMA IRONWOMAN: A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE VERÔNICA BARDINI

Neste item pretendo relatar a trajetória da atleta desde seu início no esporte até sua participação no Ironman, prova reconhecidamente identificada como de alto impacto e que exige dos/as atletas condições físicas e psicológicas excelentes. Considerando que, muitas vezes, os argumentos fundados na biologia dos corpos atribuem a não participação de mulheres em provas desta natureza, pretendo evidenciar que talvez sejam representações culturais aquelas que, efetivamente, falam dessa interdição.

Nesse sentido, ao narrar a trajetória de uma atleta gaúcha no âmbito do esporte de rendimento pretendo evidenciar essa polarização afirmando, sim, serem as mulheres capazes de participar de provas de grande esforço, tanto quanto os homens.

Considerando essa afirmação, optei por escrever um texto baseado na entrevista da atleta, fazendo uma espécie de síntese da sua fala, conferindo, portanto, maior destaque aos temas que têm relação com o objetivo central da pesquisa.

4.1. O INÍCIO NO ESPORTE

Por ser extremamente tímida, Verônica foi aconselhada por seu pediatra a iniciar uma atividade esportiva. Coincidentemente, na mesma época abria uma escola de natação muito próxima a sua casa e, aos 9 anos, ela iniciou sua vida no esporte.

Educada em um período onde a igualdade de direitos era exigida, Verônica nunca teve em sua criação traços semelhantes aos da sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX, onde a educação das meninas era voltada para atividades domésticas.

O apoio e estímulo da família deixaram o caminho aberto para seu início no esporte. Uma vez que, na infância, os maiores modelos são as figuras do pai e da mãe, o incentivo e a experiência esportiva são fatores determinantes para que a criança se interesse pelo esporte.

Meu pai sempre gostou muito disso, do esporte. (...) Minha mãe não tanto, mas ela foi sendo motivada pela questão de eu estar fazendo esporte.

Após dois anos na escola Mauri de natação, onde aprendeu a dar suas primeiras braçadas, Verônica acabou se transferindo para o Lindóia Tênis Clube, onde participou de uma seleção e, pela primeira vez, integrou uma equipe competitiva. Defendendo o clube, venceu diversas competições, inclusive campeonatos estaduais, e quebrou vários recordes, alguns, inclusive, que permanecem até hoje. Dentro do clube, tinha constante reconhecimento de seu esforço e dedicação, sendo destaque em muitas edições do jornal interno.

Verônica a glória do Lindóia. (...) Surge uma nova estrela na natação. (...) Brilha a nossa estrela da natação: Verônica Bardini (Títulos de reportagens do jornal do Lindóia Tênis Clube)

Quando tinha 15 anos, foi convidada para participar de um campeonato na cidade de Mococa, interior de São Paulo. Após a competição, na qual se destacou nas provas de 100 metros rasos e 200 metros rasos, surgiram diversos convites para nadar fora do Rio Grande do Sul. O empresário Toledo Pizza que observava a prova chegou a convidá-la para nadar nos Estados Unidos, em Illinois. O único convite aceito, no entanto, foi aquele vindo do próprio estado. A partir daquele ano, Verônica passou a representar o Grêmio Náutico União, clube que investiu em sua educação, pagando escola e curso pré-vestibular.

Treinando em dois turnos, um de madrugada – chegava ao clube antes das 5 da manhã – e outro à tarde, contava com o apoio e dedicação de seus pais (Ido e Erlene Bardini) que sempre acompanharam seus passos dentro do esporte, levando-a aos treinos, assistindo as suas provas, entre outros, fornecendo, assim, todo o amparo necessário para que ela pudesse seguir adiante na carreira de atleta.

No ano de 1997, a convite de seu treinador Wilson Mattos – que ainda a treina, mantendo uma relação que já dura mais de 20 anos – Verônica foi participar

de sua primeira prova de natação em águas abertas, a Travessia do Pontal de Tapes, que cobre a distância de 7.600 metros. Nessa prova, acabou ficando em segundo lugar entre as mulheres. Passados apenas dois meses recebeu um convite para participar do primeiro Gran Prix Mundial de Águas Abertas em Camboriú/Santa Catarina, conquistando a medalha de prata na prova de 12 km. A partir de então mudou o foco do seu treinamento para competições em águas abertas. Ainda em 1997, a atleta passou a treinar no clube Caixeiros Viajantes.

Em 1998 – apenas um ano após a sua primeira travessia – venceu pela primeira vez o Campeonato Brasileiro de Natação em Águas Abertas. O campeão e a campeã classificavam-se para nadar o Campeonato Mundial do ano seguinte, que se realizaria no Havaí. Lá ela alcançou a 14ª colocação. A partir de então, Verônica se especializou em travessias, disputando ainda diversos campeonatos regionais e sul-americanos. No final do mesmo ano em que conseguiu vencer o Campeonato Brasileiro, foi reconhecida pelo Governo do Estado, através da Secretaria da Educação e seu Departamento de Desporto como a melhor atleta do estado do Rio Grande do Sul em desportos aquáticos.

Ficou clara, na entrevista, uma característica pessoal da atleta: sua forte ligação com o esporte e com a competição desde a infância. Vale lembrar que Verônica nasceu em 1974, uma década após a eclosão do movimento feminista, que rompeu muitas das restrições até então impostas por um universo machista, inclusive a barreira da participação da mulher em atividades físicas.

Ser esportista, no entanto, não era o bastante para Verônica. Ela vislumbrava uma profissão para ter a sua independência financeira; essa característica é a marca da mulher moderna, que cria seus objetivos profissionais e planeja-se para alcançá-los.

4.2. A INSERÇÃO NO TRIATHLON

“(...) chegou uma época na minha vida que eu não agüentava mais treinar natação. (...) a gente sabe que é um esporte muito solitário (...) eu sempre tive muitas cobranças pra resultado.”

Cansada das cobranças e da solidão dos treinos na piscina, Verônica foi atrás de outra modalidade esportiva. Foi através do seu marido, Franco Cammarota, que ela iniciou a prática do triathlon, sempre priorizando o seu bem-estar, físico e mental

(...) ele fazia o triathlon, eu achava muito legal. (...) eu queria fazer uma coisa assim, pra me divertir, pra ver como é que era, pra fazer um esporte diferente.

Mesmo tendo começado os treinamentos de uma forma mais amena, sem cobranças – de treinadores e inclusive dela própria – a recém iniciada triatleta logo começou a chamar atenção por seus resultados. Após algumas provas, a UCS (Universidade de Caxias do Sul) ofereceu um contrato a ela. A partir do ano 2000, Verônica passou a defender as cores da universidade da serra gaúcha. Juntamente com a UCS, a empresa *Bike Tech* também passou a patrociná-la, e foi assim que conseguiu sua primeira bicicleta de nível competitivo. Com esse apoio, a atleta teve a oportunidade de embarcar para a Suíça e de participar do Mundial de Duathlon Terrestre.

Em troca do seu salário de atleta, Verônica passou a coordenar o Projeto Olímpico da Universidade. Durante quase um ano, além de treinar as três modalidades do triathlon, passou a ter, pela primeira vez, um cargo esportivo fora das pistas, piscinas e estradas.

Pela distância entre Porto Alegre e Caxias do Sul, a parceria não durou muito, uma vez que a atleta/coordenadora era solicitada na Universidade no mínimo três vezes por semana, atrapalhando seu treinamento.

Desde a infância, a atleta leva o esporte e as características que desenvolveu a partir dele, para sua vida em geral, tanto na escolha da profissão como na escolha de seus relacionamentos, afetivos e sociais.

Já formada em Fonoaudiologia pelo IMEC (Instituto Metodista de Educação e Cultura), Verônica iniciou o curso de Educação Física na ULBRA (Universidade Luterana do Brasil). Por já ser conhecida no meio esportivo, não teve dificuldade alguma de conseguir emprego na área, prova disso é o fato de, desde o primeiro semestre de faculdade, já trabalhar.

(...) era muito mais fácil pra mim, trabalhar na área da Educação Física, sem dúvida, por eu conhecer muito mais gente e as pessoas me conhecerem e saber do que eu conquistei, do meu currículo.

Vivenciando o treinamento físico quase diariamente, desde os seus 11 anos de idade, logicamente a área de atuação escolhida por ela, dentro da Educação Física, não poderia ser outra, e pela primeira vez, Verônica mudou de lado. Passou de atleta à treinadora, mas sem nunca parar de nadar, pedalar e correr.

Apaixonada por seu trabalho, fala com entusiasmo: *“é uma paixão muito grande que eu tenho, (...) a questão do treinamento.”*

Atualmente como treinadora, Verônica coordena uma equipe que conta aproximadamente com 46 (quarenta e seis) pessoas, sendo 21 (vinte e uma) mulheres. Destas, duas são triatletas, o que demonstra ainda que ser triatleta, para a entrevistada, não restringe-se a um desafio pessoal. Ela reconhece essa modalidade esportiva como importante, inclusive para mulheres.

A mulher triatleta ainda faz parte de um restrito grupo, apesar de hoje termos um número significativo de praticantes do sexo feminino. A triatleta difere em muitos aspectos da mulher de academia ou da mulher com ocupações exclusivamente domésticas; elas ocupam um espaço diferente no âmbito esportivo e se utilizam do seu corpo, de seus desejos e de sua força para ressignificar e redefinir o “ser mulher”.

A mulher moderna, profissional e atleta é uma combinação que há algum tempo atrás era inconcebível. Hoje, no entanto, a mulher vem ocupando lugares que só eram alcançados por homens. Isso muda estruturas e padrões de comportamento construídos ao longo de décadas.

4.3. UM NOVO DESAFIO: A ESTRÉIA NO IRONMAN

Mesmo não concordando com a idéia de que “todo triatleta tem que participar de um Ironman”, defendida por muitos que convivem neste meio, Verônica sempre se sentiu seduzida a participar da prova. Após oito anos de treinamento no triathlon

decidiu encarar o desafio. A decisão foi tomada ao voltar de Florianópolis em 2008, após acompanhar seus atletas em mais uma edição da prova.

(...) o que me levou muito foi bem a questão de, eu acho que de tentar ver como é essa prova, de tentar perceber ela, de ver o que é que tem essa prova (...)

Independente da rotina exaustiva de treinos – semelhante com a da sua época de nadadora – Verônica nunca pensou em desistir de fazer a prova. Para alcançar o seu objetivo ela contou com o apoio de sua sócia, Ana Paula Koetz, que a substituiu em muitos momentos na área profissional, e de seu marido e também triatleta Franco, que já havia realizado, até então, cinco vezes a prova.

(...) mesmo ele não fazendo a prova, ele fazia todos os treinos comigo (...)

Assim como buscamos a aprovação e desejamos o amor de nossos pais, queremos o mesmo de nosso parceiro/a, gostamos, portanto de provar o quanto somos capazes e bons no que fazemos.

Quando os homens reconhecem a capacidade feminina de realizar uma prova da magnitude do Ironman e dão um *feedback* positivo, reforçam o feito da mulher. O olhar masculino é particularmente importante para as mulheres, pois é o olhar de quem é dominante, não apenas no esporte, mas na sociedade em geral.

(...) eu sempre treinei com homem (...) Eu melhorei muito a minha capacidade física por treinar com o sexo masculino (...) tu tem que treinar com uma pessoa mais forte do que tu (...)

O envolvimento da mulher em um esporte de alto impacto como o Ironman muitas vezes produz tensões e gera discussões sobre as noções de fragilidade e inferioridade feminina.

A mulher, ao contrário do homem – que busca provar para os demais, poder e virilidade – busca provar para si mesma que é capaz de realizar desafios. Isso se confirma através de declarações da própria atleta:

(...) eu fui com um objetivo muito forte pra fazer essa prova, que era fazer a maratona correndo e terminar correndo. (...) as gurias da minha categoria passaram por mim (...) se eu não vou chegar em segundo, não vou chegar em terceiro, eu vou

chegar em quinto, eu vou chegar em quarto, vou chegar em sexto, mas eu vou chegar correndo, que era o meu objetivo.

Durante a prova, Verônica batalhou constantemente com si própria, traçou um objetivo e manteve-se focada nele, independente de ser ultrapassada por adversárias.

Após dez horas e quarenta e três minutos de intenso desgaste físico, a triatleta – que enfrentou durante a prova algumas adversidades – não só alcançava o pórtico de chegada, mas também o seu objetivo. Terminou correndo os 42 km. Saudada por centenas de espectadores, Verônica destaca a emoção de ver seu marido e seus alunos/atletas indo recepcioná-la:

Foi muito legal. A Juju (triatleta, sua aluna) (...) chorava, chorava compulsivamente, se abraçava em mim. (...), isso foi uma das coisas mais fortes que me tocou. (...) valoriza um trabalho de muitos anos, o trabalho que vem sendo construído desde os nove anos de idade.

A chegada, ao entardecer, acaba por coroar, como a entrevistada disse, um trabalho de longa data. Sempre enfrentando todas as dificuldades de peito aberto e com bom humor Verônica pensa em repetir a dose: “*quero fazer de novo, não em 2010, mas, não sei, pode ser em 2011, 2012*”.

Por fim, quando perguntada sobre como são vistas as mulheres que fazem a prova – que tem predomínio de homens – Verônica afirma que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito, talvez por ter um nome reconhecido no meio esportivo. Essa afirmação da atleta é muito importante para os objetivos deste trabalho que parte do princípio que as mulheres têm condições de participar plenamente de provas desta natureza, essa é uma escolha pessoal. Pois bem sabemos que o Ironman exige que o/a atleta extraia do seu corpo a capacidade de superação, a força e a determinação. Isso acaba se tornando uma forma de poder.

Nesse sentido, o Ironman torna-se um terreno, como já foi dito antes, para ressignificações do feminino, ao colocar as mulheres na posição de sujeito, onde se definem outras formas de “ser mulher”.

Existe, com certeza, uma ambivalência em relação ao significado da atividade esportiva das mulheres. Hoje, provas como o Ironman, permitem que homens e mulheres disputem a mesma modalidade com as mesmas exigências.

CONCLUSÃO

As diferenciações de gêneros na prática esportiva, que eram defendidas pela sociedade brasileira no início do século XX, pouco se aplicam à realidade atual.

As conquistas da mulher no âmbito social refletem-se também no esporte. Corroborando com a idéia de Knijnik (2004), de que as mulheres, independente da segregação que ainda possa existir no meio esportivo podem romper preconceitos e serem reconhecidas como profissionais qualificadas, Verônica Bardini é hoje uma referência dentro do estado do Rio Grande do Sul em termos de treinamento e assessoria desportiva.

Ao contar a trajetória de Verônica Bardini, reafirmo a capacidade da mulher na prática do esporte de rendimento em provas de resistência. Sua trajetória, e de várias outras atletas, indica que algumas características vistas como masculinas, tais como, força, determinação, resistência e busca de limites são culturais e não determinadas pelo sexo biológico. Afirmação esta que pode ser pensada em todas as instâncias sociais e não só no âmbito desportivo.

Destaco a importância do meio social em que um atleta, independente do gênero, é formado. Apoio da família, companheiro/a e amigos/as, ainda mais quando tratamos do esporte de rendimento, realidade vivida pela entrevistada.

Proponho que um dia realmente surja uma prova chamada IronWOMAN; afinal, após passar anos na sombra dos homens, elas atingem, hoje, um patamar de atletas de alto nível e merecem, desta forma um reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Luiza Klein. **Mulher, corpo e mitos no esporte. A.C Simões (Org) Mulher e Esporte – Mitos e Verdades.** São Paulo: Manole, 2003.

- CBTri. **Confederação Brasileira de Triathlon.** Disponível em <<http://www.cbtri.org.br>> Acesso em: 19 set. 2009

- CHRISTENSEN, Karen; GUTTMAN, Allen; PFISTER, Gertrud. (Org) **International encyclopedia of women and sports.** 2001

- DI PIERRO, Carla. **Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman.** Revista brasileira de psicologia do esporte, dez. 2007, vol.1, no.1, p.01-22.

- GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul. In: GOELLNER, S. V. **Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul.** Editora da UFRGS, 2007

- ITU. **Interational Triathlon Union.** Disponível em <<http://www.triathlon.org>> Acesso em: 19 set. 2009

- KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira & o esporte: seu corpo, sua história.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2003

- LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

- RUBIO, Kátia ; SIMÕES, Antônio Carlos. **De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres**. Revista Movimento, 1999,. vol.5 no.11, p. 50-55

- VALPORTO, Oscar. **Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS
SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente, eu, _____,
domiciliada e residente na cidade _____, declaro,
ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e
financeiros, os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestarei
ao Projeto Garimpando Memórias.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar
e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento bem como permitir a terceiros o
acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da
fonte e autor.

Porto Alegre, de de 2009.

Nome do depoente

ENTREVISTA – VERÔNICA BARDINI

P: Como foi a tua iniciação esportiva, então, Dona Verônica?

R: Eu comecei a nadar com 9 anos, comecei tarde, porque... eu comecei porque eu era muito tímida, na escola, e a professora ficava muito preocupada comigo, a minha mãe me levou.....no pediatra. Achava que eu tinha algum problema, e ele que recomendou eu fazer alguma atividade física. Aí na época abriu uma escola de nataação, bem pertinho da minha casa, Mauri Nataação, e eu comecei a nadar. Dali eu comecei a nadar, aprendi a nadar, depois eu fui para um clube, pro Lindóia, aonde abriu uma equipe de nataação, fiz uma seleção e tal e comecei... me integrei na equipe de nataação do Lindóia Tênis Clube

P: Isso tu tinha quantos anos?

R: Eu tinha uns 11, eu fiquei dois anos na escolinha, depois eu fui pro clube, dali então começou, (correção) comecei a competir, comecei a treinar devagarinho, surgiram algumas competições, competições internas do clube, começou a ter competições do estado, eu comecei a participar e quando eu tava com uns 14 anos, aí, mais ou menos 13, 14 eu comecei a treinar, treinar de uma forma mais focada, pra provas de piscina, nataação em piscina. Aí eu adquiri alguns títulos na nataação, tenho recordes até hoje, recordes em algumas provas e quando eu tinha 15 anos eu fui competir, existia uma competição – ainda existe uma competição que se chama Mococa, é interior de São Paulo, e é uma seleção que do Rio Grande do Sul, varias seleções de todos os estados, e aí eu fui e lá, um cara me convidou pra mim nadar nos Estados Unidos, em Michigan, só que na época, eu..., por eu ser...eu era muito nova, eu tinha o que? 14, 15 anos, fiquei meia...fiquei com medinho né? Daí eu não, não vou. Aí surgiu um convite pra mim nadar em Minas, no Minas Tênis Clube, também não quis muito. Não me arrependo, nada, né? Fiz porque era, bom era pra ser, enfim. Aí eu fui nadar no União, me convidaram pra vir treinar no União. Quando eu comecei a nadar no União eu tinha algumas regalias, ali no União, tipo, eu estudei em colégio particular, o União me pagava o colégio, quando eu fui pra fazer o vestibular o União me pagou cursinho (celular dela toca! É um atleta que ela treina

querendo saber sobre uma prova que ocorreria no final de semana) – Aonde eu parei? E aí eu adquiri, nesse período que eu nadava, eu adquiri bastante coisa pra minha vida, tanto, mais assim pessoal, onde eu tinha os objetivos bem concretos, aí, mais ou menos em 97, é, em 97 eu fui nadar uma travessia, aí eu comecei a nadar água aberta, eu fui nadar uma travessia em Tapes e eu fiquei em segundo nessa travessia, passou um mês, dois meses, eu recebi um convite pra nadar um campeonato, que se chamava “world cup” em Camboriu, eram 12 km. Até então eu nunca tinha nadado tanto, eu só tinha nadado a travessia de Tapes, que era 7.600, fiquei na dúvida, vou nadar? Não nado? Não sei que, daí fiquei. O Wilson, meu técnico, que foi meu técnico, é meu técnico até hoje, eu nado com ele desde que eu tenho uns 13 anos. Bastante tempo. Disse “não, vamos começar a treinar e tal, não sei o que”. Fui, nadei essa travessia, fiquei em segundo, e a partir dali, eu comecei a nadar água aberta, aí eu fiz três anos o campeonato brasileiro de água aberta. Em 98 eu ganhei o campeonato brasileiro, o campeão e a campeã que ganhava, ia nadar o mundial no Havaí, uma travessia de 10 km, treinei, fui, nadei no Havaí, mas tudo isso sempre com aquela dificuldadezinha, normal. E aí comecei a treinar pra travessia, depois fui pro sul-americano, nadei o sul-americano na Argentina. Continuei fazendo algumas travessias. Só que chegou uma época na minha vida que eu não agüentava mais treinar, natação. Aí, o Franco já fazia triathlon e eu queria fazer assim, “ah, vou me divertir fazendo um outro esporte”, a natação é um esporte, a gente sabe que é um esporte muito solitário né? Como ele fazia o triathlon, eu achava muito legal, mas eu queria, eu sempre tive a questão da natação, eu sempre tive muitas cobranças pra resultado. E aí quando eu fui pro triathlon, eu queria fazer uma coisa assim, pra me divertir, pra ver como é que era, pra fazer um esporte diferente. Foi bem difícil eu parar de nadar, “não vou mais nadar”, mas aí eu tinha uma vantagem, que no triathlon tem a natação, isso me ajudou bastante.

P: Não parou totalmente...

R: Não parei totalmente. Aí comecei a treinar pro triathlon. A minha idéia era me divertir, sim. Não vou dizer que eu não me divirto, me divirto até hoje, sempre, acho muito bom, acho muito legal, mas, hããã, era fazer uma coisa assim sem muita cobrança de resultado, de posições, aquela coisa toda. Aí surgiu um grande apoio pra mim, que foi a UCS, Universidade de Caxias, me contratou, me deu patrocínio, e

aí eu comecei a correr por eles, comecei a fazer as provas por eles, eles me davam um salário por mês, aí eu tive o patrocínio da Bike Tech, que foi onde eu adquiri minha primeira bicicleta, bem boa. E aí eu comecei a correr, a UCS me passava, me dava dinheiro pra mim viajar, eu fui competir o mundial na Suíça, que eles me pagaram a passagem, pagaram a passagem e hospedagem, alimentação não. E, e aí eu comecei, aí eles me pediram em troca algumas coisas de trabalho, eu comecei a administrar, coordenar a parte....eles tinham o projeto olímpico da UCS e eu comecei administrando, a coordenar esse projeto. Durou um ano mais ou menos, depois chegou uma hora que mudou o coordenador do projeto inteiro e acabou dizendo que pra mim deu, e tal, que eu não tinha o perfil, aquela coisa toda. Aí eu comecei a fazer, continuei treinando, sem patrocínio e desde então sempre, nunca tive assim...a única vez que a gente.....eu tive ajuda foi essa vez da UCS que foi meses, não chegou a fechar um ano, porque depois eles me exigiram que eu fosse lá 3 vezes por semana e aí eu deixava de treinar, então era bem complicado. E uma outra vez que eu comecei a ter um salário, assim, era quando, era do governo. Na época do Britto, o Britto montou a Bolsa Atleta, que eles tinham, e dependendo da colocação de como tu tava no ranking estadual, tu ganhava um valor X de dinheiro. Mas daí assumiu o PT e tal, perdemos. Ninguém mais ganhou nada. Aí eu comecei a fazer o triathlon, fui pra brasileiro, hããã, competi em várias partes do Brasil. Conheço muito assim, eu viajei muito, mais nadando do que fazendo triathlon. E a partir daí eu comecei ...

P: E foi embora...O que este meio esportivo, que tu sempre estiveste envolvida, o que te acrescentou em termos de relações sociais (amizades, namoros, enfim...)?

R: Me acrescentou muita coisa, até porque eu entrei no esporte por ser tímida. Hoje, eu sou tímida, né? Até o momento que eu acabo conhecendo a pessoa, depois que eu conheço, vou embora. Então ele me acrescentou muita coisa boa, né? As pessoas que eu conheço, são pessoas saudáveis, são pessoas que buscam qualidade de vida, de uma maneira ou de outra, mesmo que, no treinamento, dependendo do treinamento, a gente sabe que não é uma qualidade de vida assim, muito saudável, né? Mas ele me acrescentou muitas coisas na minha vida, principalmente o círculo de amizades que eu tenho hoje é enorme. Sem dúvida.

P: O que te levou a fazer o curso de Educação Física? Por que tu resolveu fazer?

R: Eu sou fonoaudióloga, eu me formei em fonoaudiologia.

P: Já pensou em trabalhar com outra coisa? (já que tu és formada em outro curso)

R: Na fono? Não! Eu fiz a faculdade de fono, adoro, acho assim, uma profissão maravilhosa. Não sei hoje, mas na época, financeiramente ela não era muito agradável. Por eu estar no meio do esporte há muito tempo eu tenho, eu conheço muito mais pessoas nesse meio esportivo, e as condições de ter, de adquirir emprego, na época, pra mim era mais fácil do que na fono. Uma amiga minha chegou e (me formei na fono, fiz tudo que tinha que fazer, tudo certinho). Uma amiga minha me disse, “porque tu não vai fazer Ed. Física?” Eu fiquei naquela, e tal. Não, não vou fazer, vou fazer fono, quero fono, não sei o que. E acabei entrando na faculdade, me formei, no primeiro semestre já comecei a trabalhar. Então era muito mais fácil pra mim, trabalhar na área da Ed. Física, sem dúvida, por eu conhecer muito mais gente e as pessoas me conhecerem e saber do que eu conquistei, do meu currículo.

P: O que te levou a querer ser treinadora?

R: A questão do treinamento é uma coisa muito forte na minha vida, hoje. Eu adoro essa parte do meu trabalho, que é o treinamento, porque ele te trás uns resultados, às vezes, inesperados, das pessoas que vêm e te procuram. Então eu acho assim, que o conhecimento que tu acaba tendo, com certas pessoas, é muito forte, né? E o treinamento, por a minha vida inteira eu ter tido o treinamento, na minha vida, fica mais fácil pra mim entender a pessoa que treina, a pessoa que tá passando por alguma coisa, alguma dificuldade, até por eu ter feito a modalidade. Então a questão do treinamento fica mais fácil pra mim, sim, até porque eu adoro isso, a questão de planejamentos, de organizar e tal. Eu gosto muito disso, e por eu ter tido esse contato muito tempo na minha vida, desde pequena, então é uma paixão muito grande que eu tenho, que é a questão do treinamento, muito forte.

P: Tu sabe te colocar no lugar do atleta que tu tá treinando....

R: Muito, muito. Até porque tem muitas vezes, assim, são treinos que eu já fiz e eu sei que aquele treino é difícil, eu sei que aquele treino é fácil. Claro que as pessoas são bem diferentes de suportar um treinamento, existe uma diferença muito grande, e isso tu tem que saber também entender. Então, a pessoa, o cara que tá dando o treino tem que ter também algumas, algumas manhas, ou seja, conhecer a pessoa que tu tá dando treino, saber até aonde ela consegue ir, qual é o limite dessa pessoa. Por que tem gente que tu vai dando treino e até então tu acha que o limite dessa pessoa é X e não é. Aí de repente, opa! É menos do que aquilo, é mais do que aquilo, então tu tem que dar uma segurada, né? A parte psicológica é muito importante, acho que no dia de uma competição, 90% é psicológico e 10% é físico, porque tu vai fazer na prova o que tu treinou, mas se a cabeça não ajuda...aí o corpo não ajuda também, então uma coisa leva a outra. Por isso eu acho importante, até, ter essa questão de acompanhamento com psicólogos do esporte, acho muito importante, eu fiz uma época da minha vida.

P: Tu teve esse acompanhamento então?

R: Tive, quando eu nadava e quando eu fazia o triathlon. Porque eu sempre tinha muita....dependendo das provas eu tinha um certo receio, ficava pensando no que que podia acontecer, como é que vai ser, enfim. Então eu sabia que o meu corpo ia dar tudo que eu podia, tudo que eu tinha treinado, mas às vezes eu dava uma escapadinha pra trás, assim, pensando opa! Mas a minha cabeça não tá boa e tal. Então eu tinha que trabalhar bastante o equilíbrio. Fiz por um bom tempo, me ajudou bastante, até um período que eu diminuí um pouco mais a questão dos treinamentos e achei que já tava mais madura o suficiente de eu conseguir mudar sozinha.

P: Quantos tri-atletas tu treina hoje?

R: Hoje eu dou treinamento pra 15 tri-atletas.

P: E na corrida?

R: Na corrida a gente tá com uns 40.

P: O que te motivou a participar do IronMan? Tu teve apoio? De quem foi esse apoio?

R: Bom, O IronMan, eu fui participar porque, assim, existe (e eu não concordo com isso) mas muita gente dizia assim, “ todo o tri-atleta tem que fazer um IronMan”, nunca concordei muito com isso, né? Porque eu acho que se tu faz uma coisa é porque tu tá afim. Eu estive na questão do triathlon muitos anos e depois de...(tô fazendo triathlon há 10 anos, 8 anos) depois de 8 anos eu resolvi fazer o IronMan. O que me levou é o seguinte, eu sempre treinei, nessa minha trajetória de treinadora, eu treinei muito tempo o pessoal pro IronMan, e aí eu....todos os anos eu ia lá, eu via, acompanhava eles, dava aquele suporte, aquele apoio e tal, até que no ano passado eu fui e voltei de lá dizendo, vou fazer o IronMan esse ano. Que seria o IronMan de 2009. Então o que me levou a fazer foi essa....acho que era um dos objetivos né? Que...assim, um dos objetivos de paixão do esporte, mas o que me levou muito, assim foi bem a questão de, eu acho que de tentar ver como é essa prova, de tentar perceber ela, de ver o que que tem essa prova que todo mundo tem assim “ai, O IronMan”, porque eu, como eu vi muitas vezes essa prova, qualquer um faz IronMan. Mas tem gente que faz (qualquer um exatamente) mas assim, tem o cara que não treina nada e chega se arrastando, mas tem o cara que treina mais ou menos e chega bem, então, uma das coisas que eu queria perceber é isso, de como é essa prova. O que ela tem de diferente de um triathlon olímpico, de um sprint. E eu percebi assim, é mais uma prova. É uma prova, de longa duração, sim, mas é uma prova que tu tem que treinar tanto quanto tu faz um olímpico, tanto quanto tu faz um sprint, pra tu chegar bem.

P: Desmitificou então?

R: Exatamente, exatamente.

P: E como foi a preparação para o Iron? Do momento que tu decidiu fazer a prova até o final.

R: Foi maravilhosa, quero fazer de novo, não em 2010, mas, não sei, pode ser em 2011, 2012. Porque essa é uma prova que pode ser feita, assim, claro que vai depender das tuas condições físicas, não tem aquela coisa de idade e tal. Eu adorei tudo, eu adorei o treinamento, eu gostei do que antecede a prova, eu gostei do dia da prova, eu gostei do depois da prova, eu gostei de tudo. Eu acho que é uma coisa assim, a pessoa que vem e me procura e diz assim: “eu quero fazer um

IronMan”, eu dou a maior força, mas sempre com uma coisa assim: tu quer fazer o IronMan? Ok. Mas tu já fez algum triathlon na vida? “não eu nunca fiz” então, opa! Acho que pra fazer um IronMan acho importante ter uma base boa, tu saber se conhecer fisicamente, conhecer o seu corpo, porque é um desgaste, de treinar tipo 6, 8 horas no final de semana e assim é de domingo a domingo né? Eu treinava mais no final de semana por ser um dia mais tranquilo, por não ter aquela coisa de trabalho, horário, aquela coisa toda. Então demanda mais tempo, sim. Mas eu gostei de tudo. Achei tudo maravilhoso, maravilhoso, faria tudo de novo.

P: E uma coisa que tu não me disse quando eu te perguntei o que te motivou a participar, te perguntei do apoio. Quem te apoiou?

R: O apoio. (toca o celular outra vez, dessa vez da academia que ela é proprietária). Apoio, bom, um dos apoios muito grandes que eu tive foi do Franco, meu marido, da minha sócia, Ana Paula, que segurou na questão do trabalho, segurou muitas coisas pra mim, que era uma época, um período que eu precisava e me dava sempre a maior força: “vai treinar, não te preocupa”. Então isso foi uma segurança muito forte que eu tive, que eu agradeço muito. E o Franco foi uma coisa assim muito importante, por ele ter feito 5 vezes essa prova, e ele saber até aonde, até quando, até quanto a gente conseguia ir. E ele treinou comigo, mesmo ele não fazendo a prova ele fazia todos os treinos comigo, me ajudava, treinava longo de pedal junto comigo, fazia as transições junto comigo, né? Então essas duas pessoas me apoiaram muito forte, foi muito importante pra mim, além de ter o apoio principalmente de pessoas que acreditavam no que eu tava fazendo, né? As pessoas dizendo: “vamo lá, tu vai conseguir”. Dos amigos. Então isso foi uma coisa muito forte, que... nossa! Foi um ano que eu pude conhecer muito bem, quem é que ta do meu lado.

P: O Franco tu conheceu no esporte?

R: O Franco eu conheci na nataçãõ. (risos)

P: Quais foram as maiores dificuldades de fazer o IronMan? Em algum momento tu pensou em desistir por questão de treinamento muito puxado ou coisa assim?

R: Eu nunca desisti de fazer, no momento em que eu fiz a inscrição pra essa prova (ela não é uma inscrição muito barata) mas isso sempre foi assim, eu trabalho muito com objetivos. Principalmente essa questão do lado de esporte é muito forte, quando tu me coloca um objetivo: “tu vai treinar para isso” eu vou embora, vou tocando até o dia da prova, até eu competir, até eu terminar. Em nenhum momento passou na minha cabeça, “ai, eu não quero mais, acho que isso não precisa”, nunca, nunca me passou isso. No dia da prova, a gente passa por algumas dificuldades no dia da prova, tava frio, tava chovendo, depois abriu o tempo, ficou um dia maravilhoso e tal. Por tu tá muito tempo fazendo o esporte, tem algumas horas do dia (que é um dia inteiro) que tu pensa assim, “ai, vou caminhar, não vou mais correr”, mas é que assim, eu fui com um objetivo muito forte pra fazer essa prova, que era fazer a maratona correndo e terminar correndo. Então isso foi uma coisa que eu trabalhei muito, comigo mesma, de que eu vou conseguir, eu vou conseguir. Eu tive momentos durante a prova que eu tive que ir no banheiro, tive problema estomacal. Eu tava super bem colocada na minha categoria, cheguei a ta em segundo. Isso é uma coisa que eu não me abati em nenhum momento, porque as gurias da minha categoria passaram por mim. Beleza, se eu não vou chegar em segundo, não vou chegar em terceiro eu vou chegar em quinto, eu vou chegar em quarto, vou chegar em sexto, mas eu vou chegar correndo, que era o meu objetivo. Então assim, em nenhum momento me passou de questão de dificuldade. Foi sempre muito tranquilo, até porque como eu sempre trabalhei muito com isso, eu sempre treinei o pessoal pro IronMan, vai fazer 5 anos que eu to treinando o pessoal pro IronMan, eu conheço bem assim, a questão de ciclos de treinamento, entendeu? Eu sei até onde vai, depois vai diminuir, então fica mais fácil pra tu perceber isso. Mas foi muito tranquilo, muito tranquilo. Por isso eu volto a dizer, faria tudo de novo e eu achei maravilhoso.

P: Pretende fazer de novo?

R: Pretendo, sem dúvida, achei uma prova fantástica.

P: Qual a importância do apoio familiar no processo até chegar ao IronMan?

R: É muito importante, muito importante. Eu sempre tive muito apoio da minha mãe e do meu pai, sempre. Eu treinava, quando eu nadava, eu treinava de madrugada, a gente fazia treino duplo, então agente tinha que nadar às 5 da manhã e depois às 3 da tarde, e isso eu fiz durante muitos anos na minha vida, muitos anos. Quando eu nadava no Lindóia eu nadava sozinha. A minha mãe ou o meu pai levantavam às 4:30 da manhã, eu levantava sozinha, tomava meu café e chamava eles, perguntando quem ia me levar. Me levavam, ficavam me esperando, me traziam de volta e eu ia pro colégio. Quando eu fui treinar no União foi a mesma coisa. Eles não ficavam me esperando, mas me deixavam na porta do clube, que eram 5 da manhã. A gente já teve problema, assim, com polícia, achavam que tavam, sei lá, assaltando. Aquela coisa de ter perseguição, tipo assim, “quem é que tá levando essa guria às 15 pras 5 da manhã” To descendo na frente do clube, “que que tu vai fazer no clube?” Vou treinar. Então isso foi muito importante pra mim, muito importante... eu agradeço... nossa... porque tu tem que saber pra aproveitar isso tu tem que saber agradecer muito, porque assim: até pouco tempo atrás eles iam me ver competindo no triátlon. Meu pai sempre gostou muito disso, do esporte. Jogava, de vez em quando jogava uns tenisinho, aquela coisa toda. Minha mãe não tanto, mas ela foi sendo motivada pela questão de eu ta fazendo esporte. Ela até muito tempinho atrás eles me acompanhavam. Agora a questão do IronMan, eu tive em todos os aspectos o apoio deles. Sempre. Na natação, quando eu comecei a fazer o triátlon... Agora pro IronMan não foi muito... teve uma coisinha... um certo resquício aí deles. Diziam que “isso é muito”, “essa prova é uma bobagem” e... Tanto que assim, eu fazia os meus treinos e em nenhum momento dizia que eu tava fazendo, porque se eu dissesse eles diziam “tu é louca”. Como todo mundo, né? “Quem faz IronMan é louco”, “isso é coisa de louco, não sei o que”. Mas era o meu momento. Era o que eu tava passando. Então... quanto ao IronMan pai e mãe é que eles desconhecem um pouco do limite, eles tem uma visão diferente dessa prova.

P: Mas o marido sempre do lado, né, inclusive nos treinos

R: Sim... Sim.

P: Como é que são vistas as mulheres que fazem IronMan? Eu botei uns subgrupos assim: pelos outros participantes, que a maioria são homens, né, eu fui atrás: tiveram 85 mulheres num universo de 1500 e poucos homens. Pela

sociedade? Pelos amigos, pela tua família? E se ia ter alguma coisa na mídia, assim, um reconhecimento.

R: Assim, oh, não percebi nada assim de diferente, de dizerem ai, mulher. Não percebi. Eu acho assim, acho assim, é que pelo meio que eu convivo, é uma coisa natural, homem e mulher fazendo, então eu não percebi nenhuma diferença assim de “ai mulher de ferro”, não. E a questão da mídia, como a gente sabe é sempre mais complicado esse esporte. Existia uma ...uma...assim um apoio no inicio de questão de dizer o que que era essa prova, como é que era essa prova. Isso aí foi muito legal, né, até pro pessoal ver o que que era isso. Teve gente que acompanhou, foi legal, mas se encerrou por aí, enfim... Agora... diferença na sociedade, eu não percebi. Diferença na família, menos ainda, menos ainda, porque, volto a dizer: aquela coisa a família achava que eu não... é prima, tia, tio... até hoje me questionam a questão de que “porque que tu faz isso, pra que que tu faz isso”, então é complicado, mas...

P: Eu ia te fazer uma pergunta se tu sofreu algum tipo de preconceito, discriminação pelo fato de ser mulher num meio predominantemente masculino.

R: Nunca tive esse problema, porque eu sempre...hããã ... eu sempre treinei com homem, né. Eu melhorei muito a minha capacidade física por treinar com o sexo masculino sempre. Até porque é um esporte que não tem muita mulher fazendo. Tem, mas são poucas. Então eu percebi assim no momento em que tu quer melhorar, tu quer ter um resultado auge, é bom que tu tem que treinar com uma pessoa mais forte do que tu, isso sempre, isso... até quando se nadava. Tu vai treinar com uma pessoa, mesmo que tu seja uma mulher, mas é uma mulher mais forte do que tu. Então eu nunca tive nenhum tipo desse tipo de... não.

P: O que que tu sentiu quando tu completou a prova? Naquele momento assim: passou debaixo do pórtico de chegada...

R: Pois é, eu senti um ... eu senti assim... a primeira ... eu queria tipo ... depois que acabou, né, acabou e agora? Foi tão bom. hããã... Eu senti que eu tinha feito o que eu tinha planejado. Fiquei feliz, mas uma das coisas mais ... mais legais pra mim foi que eu consegui fazer o que eu tinha organizado na minha cabeça, que

era chegar correndo. Então, isso foi uma das coisas assim que eu notei que eu consigo ...é uma coisa assim, que eu botei na cabeça um certo objetivo e descobri: beleza, eu consigo. Então isso foi uma das coisas mais assim, uma das primeiras coisas que aconteceu, que veio na minha cabeça quando passa o pórtico foi isso: Consegui! Consegui o meu objetivo, né, então... e isso não tem preço. Então é uma emoção que é tua. A emoção que tu sente por tu ter passado por uma série de coisas, de dificuldades... mas foi muito legal e mais legal de tudo foi a emoção que as pessoas ... as pessoas te dão, o apoio que as pessoas te dão e isso... Uma das coisas assim.. o Franco, nossa, quando eu cheguei ...foi muito legal... Foi muito legal. A Juju também, nossa, chorava, chorava compulsivamente, se abraçava em mim. Então isso, o reconhecimento de que tu conseguiu, de que tu fez um trabalho legal, isso foi uma das coisas mais fortes que me tocou... opa, que legal eu não sou pouca porcaria. Sou alguém que existe reconhecimento muito legal das pessoas, que valoriza, valoriza um trabalho de muitos anos, o trabalho que vem sendo construído desde os nove anos de idade, se tu for ver.

P: Muito bem, pra finalizar, então, o que significa o esporte pra ti, não o triathlon, o esporte em si

R: Ahhh... Significa tudo. Ele é maravilhoso. Acho que todas as pessoas deveriam fazer. Não precisa ser um esporte competitivo, porque esporte competitivo ele é mais agressivo do que... Eu não considero esporte competitivo saudável. Ele vai além, ele é o limite. É o limite do teu corpo. Tem alguns dias que tu tem um treino que tu vai passar do teu limite. Mas pra isso tu tem que conhecer o teu corpo, agora, o esporte pra mim é tudo. Tudo. Eu adquiri tudo o que eu tenho hoje: a academia, as pessoas, amigos, conquistas, tudo, pelo esporte. Tudo. Muitas... muito... muito assim portas que se abriram foi por causa do esporte. Tudo. Então é uma palavra muito forte pra mim e que eu respeito muito e admiro muito as pessoas que fazem, cada vez mais incentivo, desde as pessoas que fazem... sei lá, três vezes por semana uma atividade física até as pessoas que treinam de domingo a domingo. Então é muito legal. Acho que é uma... tem que ser ... acho que cada vez mais tá sendo trabalhada essa questão do esporte na vida das pessoas e eu acho que isso é muito importante. Agora, pra mim é a minha vida.

[FINAL DO DEPOIMENTO]